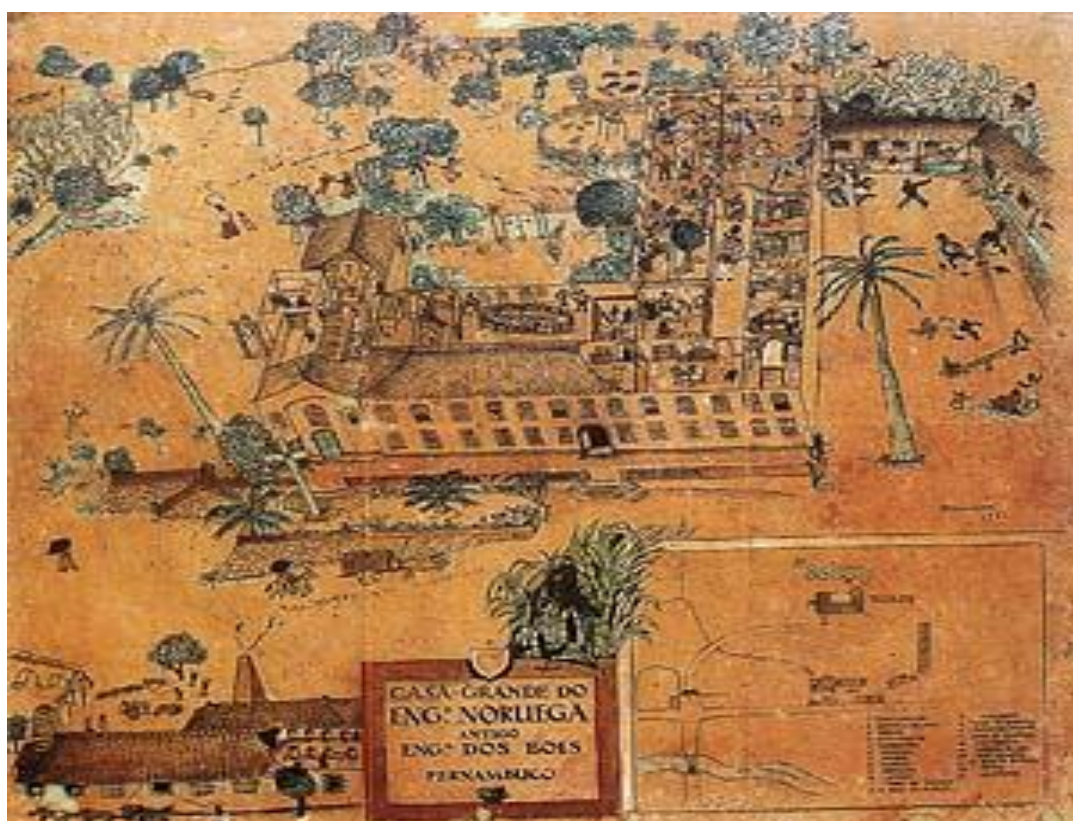


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**

**Pós-Graduação Latu Sensu**

**ARTIGO FINAL**



**A FORMAÇÃO E CULTURA DA RAÇA BRASILEIRA – ARTE E  
ICONOGRAFIA NA OBRA DE GILBERTO FREIRE**

Orientadora: Profa. Dra. Thais Nívia de Lima e Fonseca

Aluno: Dayan Botelho de Castro

BELO HORIZONTE, JULHO DE 2005

## **INTRODUÇÃO**

O presente estudo trata de retratar a iconografia da raça brasileira, seus costumes e moradias, a partir da obra "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freire. Gilberto Freire tenta explicar, através da cultura de que forma negros, índios e brancos se misturaram para formar a sociedade brasileira, concebendo suas características étnicas. Abuso de uma raça sobre a outra, reflexo do regime escravocrata. Acredita-se ser imprescindível fazer inicialmente a apresentação do que seja cultura e representação da arte em seu sentido tradicional, para a melhor compreensão da visão de Gilberto Freire.

### **1. CULTURA E ARTE**

A Cultura é formada de elementos, que de diferentes valores à compõe, formando os complexos que, unidos e interligados, dão o padrão cultural; a organização social, a língua usada, a organização política, a estética, as idéias religiosas, as técnicas, o sistema de ensino, etc. Esses são alguns elementos existentes em uma sociedade. Estes elementos dão forma a cultura, que são diferentes em cada sociedade, porque outras sociedades são formadas com histórias diferentes, com influências diferentes, ou seja, nenhuma sociedade é igual a outra.

Difusão "é um processo na dinâmica cultural em que os elementos ou complexos culturais se difundem de uma sociedade a outra", afirmam Hoebel e Frost (1991:445). As culturas, quando vigorosas, tendem a se estender a outras regiões, sob forma de empréstimo mais ou menos consistente. A difusão de um elemento da

cultura pode realizar-se por imitação ou por estímulo, dependendo das condições sociais, favoráveis ou não, difusão. O tipo mais significativo de difusão é o das relações pacíficas entre os povos, numa troca contínua de pensamentos e invenções. Nem tudo, porém, é aceito imediatamente. Há rejeições em relação a certos traços culturais. Quase sempre ocorre uma modificação no traço de uma cultura tomado de empréstimo pela outra, havendo reinterpretação posterior pela sociedade que o adotou.

As condições geográficas e o isolamento são fatores de impedimento à difusão cultural, que incluem três processos:

1. Apresentação de um ou mais elementos culturais novos e uma sociedade;
2. Aceitação desses elementos;
3. Integração, na cultura existente, de um ou mais elementos.

ACULTURAÇÃO é a fusão de duas culturas diferentes que entrando em contato contínuo originam mudanças nos padrões da cultura de ambos os grupos. Pode abranger numerosos traços culturais, apesar de, na troca recíproca entre as duas culturas, um grupo dar mais e receber menos. Dos contatos íntimos e contínuos entre culturas e sociedades diferentes resulta um intercâmbio de elementos culturais. Com o passar do tempo, essas culturas fundem-se para formar uma sociedade e uma cultura nova. O exemplo mais comum relaciona-se as grandes conquistas.

A assimilação, como uma fase da aculturação, seria o processo mediante o qual os grupos que vivem em um território comum, embora procedentes de lugares diversos, alcancem uma “solidariedade cultural”.

O termo aculturação, no entanto, vem sendo empregado ultimamente, também, como fusão de subculturas ou cultura rural versus cultura urbana.

No processo de aculturação deve haver a fusão completa dos grupos de origem diversas, supressão de um grupo ou de ambos, ea persistência dos dois no equilíbrio dinâmico da sociedade.

Segundo Hércovits (1963), o termo aculturação “não implica, de modo algum que as culturas que entram em contato se devam distinguir uma da outra como superior ou mais avançada, ou como tendo um amior conteúdo de civilização, ou por diferir em qualquer outra forma qualitativa.

Exemplo: A cultura brasileira resultou, em princípio, da fusão das culturas americana, européia, africana e indígena.

A transculturação consiste na troca de elementos culturais entre sociedades diferentes.

A aculturação consiste, pois, em uma forma especial de mudança. A sociedade que sofre o processo de aculturação modifica a sua cultura, ajustando ou conformando seus padrões culturais aos daquela que a domina. Entretanto embora sofra grandes alterações no seu modo de vida, conserva sempre algo de sua própria identidade.

No processo de aculturação, a mudança surge como um desvio das normas consuetudinárias existentes, afirmam Hoebel e Frost (ibid, 49). O desvio é realizado de formas diferenciadas, ou seja, com entusiasmo, desprezo, totalmente desaprovado, sancionado levemente ou lentamente ou totalmente rejeitado.

Em nenhuma sociedade os processos de aculturação ocorrem total ou instantaneamente; a mudança é sempre mais rápida e aceita com maior facilidade em relação a traços materiais.

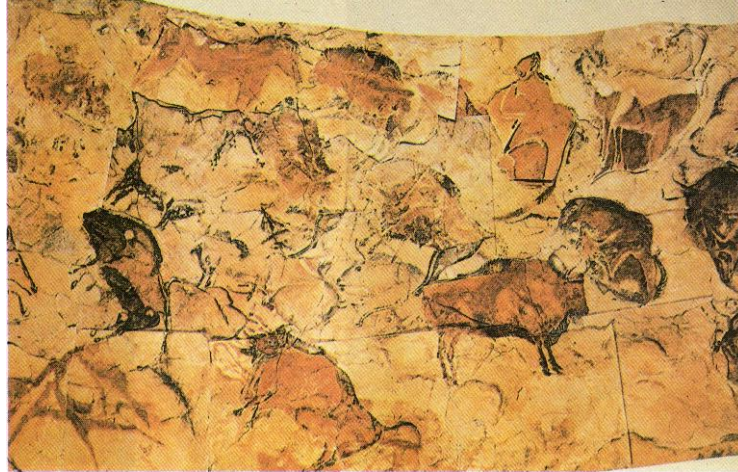
Quando um traço novo entra em competição com outro já existente e o substitui, tem-se a deculturação.

O processo de “aprendizagem e educação em uma cultura desde a infância” é chamado enculturação tanto por Felix Keesing (1961). Herkovits (ibid) emprega o termo endoculturação para conceituar a mesma coisa, significando, além disso, o processo que estrutura o condicionamento da conduta, dando estabilidade à cultura.

Cada indivíduo adquire as crenças, o comportamento, os modos de vida da sociedade a que pertence. Ninguém apreende, todavia, toda a cultura, mas está condicionada a certos aspectos particulares da transmissão de seu grupo.

As obras de arte não devem ser encaradas como algo extraordinário dentro da cultura humana. Ao contrário, devem ser vistas como profundamente integradas na cultura de um povo, pois ora retratam elementos do meio natural, como é o caso das pinturas nas cavernas de Altamira, na Espanha (fig. 1), ora expressam os sentimentos religiosos do homem, tal como o quadro *Natividade*, do pintor renascentista Sandro Botticelli (fig. 2), ou a máscara de um deus da antiga civilização pré-colombiana do México (fig. 3). Podem também retratar situações sociais, como *A Família de Retirantes*, do pintor brasileiro Cândido Portinari (fig. 34.1., pág. 239), ou *Mãe Camponesa*, do artista mexicano Siqueiros (fig. 4). Às vezes, o artista pode ainda trabalhar apenas com valores pictóricos — cor e

composição — e sugerir diferentes impressões a quem contempla suas obras, como as pinturas de Tomie Ohtake (fig- 5)<sup>1</sup>.



*Fig 1 Pinturas pré históricas encontradas nas cavernas de Altamira, Espanha*  
(fonte: HAUSER, 2003)



*Fig. 2. Natividade* (cerca de 1501), de Sandro Botticelli. Dimensões: 107 cm x 74 cm. Galeria Nacional, Londres. (fonte: HAUSER, 2003)

---

<sup>1</sup> HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



*Fig. 3, Mãe Camponesa (1929), de Siqueiros. Dimensões: 225 cm x 179 cm. Museu de Arte Moderna. Cidade do México. (fonte: HAUSER, 2003)*

Na verdade, a preocupação do homem com a beleza está tão presente nas culturas, que até mesmo os objetos essencialmente úteis são concebidos de forma harmoniosa e apresentam-se em cores muito bem combinadas.

A arte não é, como vemos, algo isolado das demais atividades humanas.

Ela está presente nos inúmeros artefatos que fazem parte do nosso dia-a-dia. Muitas coisas que hoje observamos nos museus, ontem faziam parte do cotidiano do homem. Da mesma forma, muitas construções que atualmente são monumentos tombados como patrimônio histórico de um povo, antigamente eram locais de moradia e, neles, famílias viveram momentos de tranqüilidade, de apreensão, de medo e de alegria. Assim, as construções em que moramos hoje, bem como os utensílios que agora fazem parte da nossa vida diária, futuramente poderão estar nos museus, atestando os nossos hábitos, os nossos valores e o nosso modo de vida.

## 2. A VISÃO DE GILBERTO FREIRE

Na obra de Gilberto Freire e na sua metodologia, estamos perante uma posição antropológica e humanística. As suas hipóteses naturalmente prévias, supõem, na sua base, uma intrínseca igualdade — darwiniana e cristã — do homem, no seu esforço de sobrevivência, quaisquer que sejam os recursos tecnológicos a que, em cada momento pode recorrer. Considerados, em qualquer caso, sempre insuficientes para, só por esses recursos, conseguir o necessário ajustamento, se lhes não for acrescentada uma coerência cultural formativa e se não recorrer à riqueza íntima do homem, no seu dinamismo criador. Gilberto Freyre foi buscar nos diários dos senhores de engenho e na vida pessoal de seus próprios antepassados a história do homem brasileiro. As plantações de cana em Pernambuco eram o cenário das relações íntimas e do cruzamento das três raças: índios, africanos e portugueses.

Para Gilberto Freyre, a emotividade do português e do brasileiro torna-se uma importante qualidade, vista a partir de uma perspectiva antropológica afinada com a escola culturalista de Boas. Freyre privilegia a compreensão das características culturais da formação da sociedade brasileira colonial. Com o foco nas relações entre portugueses, indígenas e negros, analisa tanto seus aspectos socio-econômicos quanto sua dimensão cultural em termos de costumes e valores, com uma ênfase maior nestes últimos.

Recusava os preconceitos da superioridade tanto cultural como de estilo de vida que as sociedades industriais se tinham habituado a propor como evidentes, na suposta exclusividade triunfal do seu modelo. Nessa análise de civilização,



procurava demonstrar que a sociedade nascida no meio brasileiro resultou da congregação, com grandes riscos, de meios de ação, aparentemente díspares. Mas, proveniente de uma unidade de atitude, faz confluír as diferentes experiências de vida num modelo conjunto que está na base da convergência alcançada e no respeito das diversidades que se mantêm. Só assim foi possível atingir um resultado favorável, coerente como cultura, e estabelecer um dinamismo de tempo longo que culminou numa unidade solidária que nunca podia ser conseguida pela prática compulsiva de valores convencionais,

Em *Casa-Grande & Senzala*, o escritor exprime claramente o seu pensamento. Ele diz: "o que houve no Brasil foi a degradação das raças atrasadas pelo domínio da adiantada" . Os índios foram submetidos ao cativo e à prostituição. A relação entre brancos e mulheres de cor foi a de vencedores e vencidos. *Casa-Grande & Senzala foi a resposta à seguinte indagação que eu fazia a mim próprio: o que é ser brasileiro? E a minha principal fonte de informação fui eu próprio, o que eu era como brasileiro, como eu respondia a certos estímulos.*"

Estas condições complexas para a compreensão do homem conduzem a uma atitude crítica, com a conseqüente influência no modo e no material de observação. Daí resulta uma renovação dos métodos de trabalho, procurando abranger todas as áreas do comportamento. De certo modo, ela visa demonstrar (se este termo se pode considerar correto, quando aplicado a um domínio das ciências humanas), que só é possível chegar à compreensão das sociedades, em termos de investigação científica, partindo de uma perspectiva não hierárquica dos povos e civilizações. Obriga a que os entendamos, como formas de adaptação ao meio onde se encontram, na mentalidade com que o fazem e na visão do homem que exprimem. Para podermos compreender a qualidade científica destas posições, convirá que

lembramos o conjunto de idéias dominantes, quando as propostas de Gilberto Freire surgiram no mundo cultural da América o preconceito que, de uma forma, mais ou menos velada, ainda hoje se manifesta, era, ao lado do determinismo geográfico, visto através do «meio», a afirmação da superioridade, como forma de adaptação e de expressão, daquilo a que chamamos a civilização industrial. Esta representaria a última e definitiva forma de ser do humano, por ela fazendo esperar, para o futuro, um comportamento isento de riscos e provido de todos os fatores para o triunfo definitivo do homem sobre a natureza, com um mínimo de inconvenientes.

Na verdade, segundo Gilberto Freire, os conflitos internos e os riscos neste ajustamento às condições do meio brasileiro, canalizado através de uma estrutura escravocrata, foram inferiores, em gravidade, profundidade e duração, aos que noutros lugares destruíram sociedades de idêntico modo de produção, mas diversa mentalidade e onde não foi possível implantar a solidariedade

Freyre volta aos portugueses e suas características para começar sua análise da sociedade colonial. Há um traço fundamental português que seria responsável por elementos cruciais da sociedade em formação: a plasticidade. Sendo híbridos eles mesmos, os portugueses teriam uma "singular predisposição" para a colonização dos trópicos. Possuiriam as características de aclimatabilidade, mobilidade e miscibilidade, favorecendo não só a adaptação física ao país de clima tropical quanto a povoação do vasto território. Pontuado por antagonismos de fundo emotivo, o português teria "um caráter todo de arrojados súbitos que entre um ímpeto e outro se compraz em certa indolência voluptuosa muito oriental, na saudade, no fado, no lausperene" (p.07).

Destaca-se aqui o aspecto da miscibilidade dos portugueses, pedra de toque no argumento de Freyre, fator não apenas de povoação do país mas de formação cultural da sociedade brasileira. Já sendo, nas palavras de Freyre, "um povo indefinido entre a Europa e a África" (p.05), os portugueses teriam pouca "consciência de raça", deixando-se atrair por mulheres indígenas e, posteriormente, negras. Não havia assim preocupação dos colonizadores com a pureza de raça, apenas com a fé católica. A "mistura de raças" foi não apenas física mas cultural - nos costumes em geral. Ao longo do livro, Freyre aponta os elementos indígenas e negros que se mesclaram aos portugueses, desde modificações na dieta, vestuário, hábitos de higiene ao "amolecimento" da língua portuguesa.

Para Freyre, a "mistura de raças" junto com a agricultura latifundiária e a escravidão tornam-se a fundação da sociedade colonial, cuja unidade básica é a família patriarcal. Diz ele:

*"a família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América" (ps. 18-19).*

Neste trecho, Freyre destaca a importância dos vínculos familiares extensos, mostrando que o princípio de colaboração coletiva, não ultrapassaria os limites da família, gerando muitas vezes o "privatismo". A família patriarcal seria uma força política tão atuante que, na época da colonização, se sobreporia ao Estado. Até a religião católica se adaptaria ao

poder da família, tornando-se muito mais um culto familiar do que de "catedral ou de igreja" (p.22).

Dentro desta família colonial, encontraríamos em escala menor "um processo de equilíbrio de antagonismos" (p.53) que estaria presente em toda sociedade brasileira colonial. No centro deste processo, estaria a relação senhor - escravo, atrelada às oposições entre culturas européia e africana, raças branca e negra. Freyre mostra com detalhes como a relação entre senhores - pai, mãe e filhos pequenos - e escravos - homens e mulheres - foi marcada pela violência, por práticas "sádicas" dos primeiros e por um "correspondente masoquismo" (p.51) dos segundos. Ao mesmo tempo, havia tanto "voluptuosidade sexual" quanto "doçura" entre eles, de tal forma que, segundo as tradições, as mães-pretas ocupariam um verdadeiro lugar de honra no seio das famílias patriarcais (p.352). Freyre resume, no espírito que marcou sua obra: "somos duas metades confraternizantes que se vêm mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas; quando nos complementarmos num todo, não será com o sacrifício de um elemento no outro" (p.335). Ao contrário do caso anglo-americano, onde subsistem "duas metades inimigas", é este equilíbrio que permite dar vazão a "toda nossa vida emotiva e [às] nossas necessidades sentimentais e até de inteligência", pois o privilégio de um lado apenas implicaria na expressão de "só metade de nós mesmos" (p.335).

Freyre constrói sua visão do Brasil colonial contrastando-o com outras sociedades, em particular a norte-americana. No entanto, inverte os sinais,

fazendo uma leitura positiva da colonização brasileira. Em particular, a verve emotiva do português que o torna plástico é responsável pela mistura não apenas racial mas sobretudo cultural que seria a especificidade brasileira. Mesmo na família patriarcal brasileira, a intensidade de sentimentos - sempre presente, seja na relação ao mesmo tempo "violenta" e "doce" entre senhores e escravos, seja nas rivalidades entre famílias gerada pelo privatismo - não é tomada como traço problemático. Ao contrário, ao afirmar que a família - e não o indivíduo ou o Estado - torna-se a unidade social básica, Freyre está buscando mais uma compreensão do que seria a sociedade brasileira e menos uma avaliação do que ela deveria ser.

Assim como o mameluco, o mulato é entronizado como o futuro da raça brasileira a partir de "**Casa Grande e Senzala**"



O que se percebe nessa figura máscula e hercúlea em primeiro plano (no que pese a feminização da região genital) , cuja cor da pele se funde com o solo do cafezal, é sobretudo a hipertrofia de seus braços e pernas que, ao contrário de despertar piedade e comiseração no espectador, preferem emprestar à figura do mestiço um caráter heróico, para não dizer épico, cujo corpo na verdade está a serviço de um trabalho cruel e alienado.



"A casa-grande do engenho que o colonizador começou, ainda no século XVI, a levantar no Brasil - grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, telhados caídos num máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais - não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas expressão nova do imperialismo português. A casa-grande é brasileirinha da silva." Trecho de Casa-Grande & Senzala.

Num processo de equilíbrio de antagonismos, o branco e o negro se misturavam no interior da casa-grande e alteravam as relações sociais e culturais, criando um novo modo de vida no século XVI. As relações de poder, a vida doméstica e sexual, os negócios e a religiosidade forjavam, no dia-a-dia, a base da sociedade brasileira.





Na religião conviviam a cultura do senhor e a do negro. O catolicismo praticado aqui era uma religião doce, doméstica, de intimidade com os santos. Os padres se vangloriavam de conceder aos negros certas vantagens, como o direito de manifestar suas tradições nas festas do terreiro. Nasceram então as religiões afro-brasileiras: São Jorge é o orixá Ogum e Nossa Senhora é Iemanjá.



Brasil Canavial

(Fonte: Freire, 2000)



Os senhores da Terra

(Fonte: Freire, 2000)

777

*Quase 116 anos após a abolição formal no Brasil, a escravidão contemporânea segue enraizada – sobretudo graças ao seu baixo custo econômico – e pode atingir até 200 mil pessoas no país. A opinião e a estimativa “pouco precisa”, como ele próprio assinala, são do sociólogo norte-americano Kevin Bales, considerado o maior especialista mundial em escravidão contemporânea, que por oito anos pesquisou o tema em países de cinco continentes.*

**Obs:** Kevin Bales, 51, PHD em sociologia, é consultor da ONU (Organizações das Nações Unidas) sobre as formas de escravidão no mundo contemporâneo

(Adaptado. Folha de São Paulo, 2/fev/2004)



Figura adaptada do Jornal Folha de São Paulo, 02 Fev 2004

## **CONCLUSÃO**

O traço vindo de outra cultura através do empréstimo pode sofrer reformulações quanto à forma, aplicação, ao significado e à função. Casa-Grande & Senzala é um grande ensaio de interpretação do Brasil. Freyre trouxe para o centro dos estudos identitários da sociedade brasileira as marcas de uma existência, provocando um abalo epistemológico nos estudos sócio-antropológicos, com fortes repercussões no campo das artes e das diversas formas de representação social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, Gilberto. (1933). *Casa Grande & Senzala*. 40ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HERKOVITS, Melville. *Antropologia Cultural*. Livraria Mestre Jou. São Paulo. 1963.

HOEBEL, E. Adamson e FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*. – Cap. 21 [Crenças e Práticas Sobrenaturais]. São Paulo: Cultrix, 1981. [363-380].

KEESING, Felix M. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1958. v. 1.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA CULTURA E DA ARTE

**A FORMAÇÃO E CULTURA DA RAÇA BRASILEIRA – ARTE E  
ICONOGRAFIA NA OBRA DE GILBERTO FREIRE**

Aluno: Dayan Botelho de Castro

Artigo apresentado à UFMG –

Universidade Federal de Minas Gerais para aprovação no Curso  
de Pós-Graduação em História da Cultura e da Arte.